

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NA AUTOAPRESENTAÇÃO

NETO, João Elízio da Rocha ¹

MIRANDA, Edinaldo¹

RESUMO

A autoapresentação é um gênero textual discursivo e, quer no texto escrito quer no texto oral, é o reflexo do indivíduo produzido por ele mesmo. Pouco reconhecido, existe desde os primórdios. Quando o homem começou a desenvolver a habilidade de se expressar pelo texto literário a autoapresentação já existia na oralidade. É a forma imaginativa pela qual o sujeito se descreve utilizando verossimilhança. É encontrada na prosa e nos versos bem como no dia a dia do convívio social, com o fim de convencer o receptor de uma ideia ou verdade. Dessa forma, este artigo possibilita, por meio de uma análise da autoapresentação do senhor Janúbio Luiz Pereira à luz dos teóricos, pôr em evidência este gênero literário que é muito usado e pouco estudado.

¹ Formado em Licenciatura em Portuguesa - Letras, pela Universidade do Estado do Pará.

Palavras-chave: Autoapresentação. Discurso. Semântica. Enunciador. Interlocutor.

CONSTRUCTION OF THE ETHOS IN SELF-PRESENTATION

ABSTRACT

Self-presentation is a discursive textual kind and both, in the written text or in the oral one, it reflects the individual produced by himself or herself in a literary form. Unfortunately, still unknown, such a kind of text exists since ancient times. When man began to develop the capability to express himself using a literary text, self-presentation was already present through an oral form. Self-presentation is an imaginative form through which the individual describes himself or herself using true similarity. Self-presentation is found both in prose and verses as well as in the everyday social relationships and is intended to convince the interlocutor or receptor about an idea or true. In this way, this study makes possible, using self-presentation analysis of mister JanúbioLuiz Pereira in the light of theoreticians, to display or present this literary type that has been rarely studied and used.

Key Words: Self-presentation. Speech.Semantic.Enunciator.Listener

INTRODUÇÃO

A autoapresentação é um gênero textual-discursivo, que tem por finalidade principal apresentar ao interlocutor o enunciador da forma imaginativa que este se vê. É o “reflexo” do apresentador descrito por ele mesmo. A título de ilustração pode-se citar a ação de olhar-se no espelho e a capacidade de se ver de forma diferente da qual se é notado no âmbito social. A autoapresentação vem, desta forma, refletir a essência interior de um sujeito, não da maneira vista pelos seus observadores, mas da criada pelo seu apresentador – o próprio indivíduo a descrever-se.

Dessa forma, o presente trabalho se debruça sobre as características da autoapresentação utilizando a análise do discurso e a semântica pragmática, que abrem um leque de possibilidades por não desprezarem o significado daquilo que é escrito ou falado olhando apenas para as palavras como se fossem códigos – ajuda o leitor a ter um olhar mais aprofundado sobre o texto, debruça-se sobre as entrelinhas em busca da mensagem gerada pelo subconsciente do enunciador, ou da mensagem captada pelo subjetivismo do interlocutor. Por meio dela é

possível falar e ouvir vivências e formações conduzidas por um texto discursivo e reflexivo.

METODOLOGIA PARA GERAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Este trabalho analisa, à luz da Análise do Discurso, dos teóricos citados na introdução e da semântica pragmática, a autoapresentação de Janúbio Luíz Pereira, 69 anos, natural do estado da Paraíba e residente na cidade de Acará (PA) há mais de vinte anos.

Considerado metodologicamente como estudo de caso, a técnica para colher a autoapresentação do Sr. Janúbio foi a solicitação de um breve relato [escrito] sobre si. Como metodologia de análise, recorreu-se a uma abordagem qualitativo-interpretativista do dado selecionado para este artigo. No primeiro contato com os pesquisadores ele foi informado que seu relato faria parte de um trabalho acadêmico e, a seguir, foi-lhe explicado que ele deveria escrever, em poucas linhas, como ele se via ao longo de sua vida e que o texto produzido por ele seria analisado academicamente. Concordando em participar da pesquisa ele começou a escrever e em cerca de 15 minutos

entregou o material que segue analisado neste trabalho.

AUTOAPRESENTAÇÃO

A autoapresentação está em todos os lugares. Como demonstração disso, tem-se as redes sociais que pedem o perfil do usuário para efetuar o seu cadastro. Quando alguém deseja um emprego entrega sua autoapresentação, o *currículum vitae*, ou se cadastra na plataforma Lattes. Apresentar-se é algo inerente ao ser humano. Nas relações sociais e amorosas as pessoas buscam impressionar no primeiro contato. As academias de ginástica estão cheias de corpos malhados ou pelo menos desejosos disso, para causar uma boa primeira impressão.

Na política os candidatos não somente se enaltecem como diminuem os concorrentes, com o objetivo de impressionar seus eleitores. Na religião, virou costume a propaganda de líderes populares que se apresentam como verdadeiros mensageiros de Deus. A autoapresentação não raro tende a dimensionar aspectos com o fim de impressionar positivamente ou negativamente seus espectadores. Isso faz lembrar a atitude do criminoso

que, ao abordar a (as) vítima (as), busca passar uma imagem terrível para causar intimidação, como os psicopatas que se autoapresentam às suas vítimas por meio de suas marcas, com o objetivo de ficarem conhecidos por aquele “requisite de crueldade” específico.

Sobre este aspecto da linguagem e seu uso pode-se citar o que Ilari & Geraldi (2006) escreveram:

[...] Conforme Halliday, “usamos a linguagem para representar nossa experiência dos processos, pessoas, objetos, abstrações, qualidades, estados e relações existentes no mundo exterior e interior”. A construção de uma expressão complexa de tipo oracional é uma forma de o falante reelaborar sua experiência na forma de “pequenas cenas” sendo os ingredientes de cada uma delas fundamentalmente três: um processo, participantes e circunstâncias. (ILARI; GERALDI, 2006, p. 22-23).

Quão eficazes são as chamadas de novelas que durante algumas semanas antes da estreia aguçam a curiosidade dos telespectadores por oferecerem um panorama geral da trama e de suas personagens, gerando com isso um alto índice de audiência. Esse fazer é, comumente, levado a efeito no início do ano entendido como o momento mais indicado para as emissoras se autopromoverem, ou melhor,

apresentarem-se por meio dos atributos de um produto para conquistar consumidores, este mecanismo torna possível a impressão de que o produto está se autoapresentando como objeto personificado.

Ao comentar sobre fala e escrita Marcuschi (2010), as define como prática social e que devem ser analisadas centrando-se além dos códigos. Segundo ele a oralidade e o letramento eram encarados como dicotomia e não se via como prática social, apenas atribuía-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua.

Esta mudança de visão operou-se a partir dos anos 80, em reação aos estudos das três décadas anteriores em que se examinavam a oralidade e a escrita como opostas, predominando a noção da supremacia cognitiva da escrita dentro do [que] Street (1984) chamou de “paradigma da autonomia”. Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotomia, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje, como se verá adiante, predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. (MARCUSCHI, 2010, p.16).

Quanto ao letramento como prática social ligada formalmente ao uso da escrita Marcuschi (2010) comenta:

[...] Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. [...] (MARCUSCHI, 2010, p.16).

O gênero autoapresentação favorece a sobrevivência do indivíduo na sociedade moderna. A imagem que ele criar será vista como sua essência primária. Sabendo desta importância, não seria incoerente tratar o tema autoapresentação com mais profundidade na formação escolar básica.

Em tempos anteriores, o escritor geralmente vivia em contado direto com seu público, formado por uns poucos letrados, já cientes das opiniões, ideias, imaginação e teses do autor, pela própria convivência que tinham com ele. Muitas vezes, mesmo antes de ser redigido o texto, as ideias nele contidas já haviam sido intensamente discutidas pelo escritor e parte de seus leitores.

Hoje, diferentemente do passado, existe maior número de pessoas letradas, que expressam suas opiniões e julgam a de outrem com mais propriedade. Isso faz com que pessoas se tornem mais preocupados

com o que escrevem principalmente no que se referem a si próprios.

A autoapresentação como gênero textual, é indiscutível que ela se impõe em vários contextos sociais como, no trabalho, na escola, na família, na vida burocrática e na atividade intelectual. Sobre esta questão Marcuschi (2010) faz o seguinte comentário:

Inevitáveis relações entre escrita e contexto devem existir, fazendo surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas. Seria interessante que a escola soubesse algo mais sobre esta questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar (MARCUSCHI, 2010, p.19).

De fato, é inevitável que a comunicação se torne cada vez mais presente na vida do indivíduo. Pode-se afirmar que a comunicação possui três funções básicas: informar, entreter e educar. Neste aspecto é que deve surgir a atenção ao que se informa como se informa e para que se informa e, quando se trata de autoapresentação, é mais justificável esta preocupação.

A autoapresentação merece atenção além dos aspectos já apresentados, porque nela são

encontrados traços de como o indivíduo se vê [ou de como gostaria de ser visto] e não como de fato é visto pela sociedade que, de certa forma, passa a ser conduzida a crer ou a usar informações concedidas por ele. São traços que vão do psicológico ao imaginário, que vão da projeção à rejeição pelo leitor não do texto, mas do indivíduo que, neste gênero, não é uma personagem para o leitor, mas uma personagem para ele mesmo – o escritor de si mesmo.

Sobre este aspecto Orlandi em seu livro (2010) comenta:

Se o texto é unidade de análise, só pode sê-lo por que representa uma contrapartida à unidade teórica, o discurso, definido como efeito de sentidos entre interlocutores. O texto é texto por que significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização linguística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significativo do sujeito em sua relação com o mundo. É dessa natureza sua unidade: linguístico-histórica. (ORLANDI, 2010, p.69).

Um autor é reconhecido pelos seus leitores pelos traços de sua escrita. É como se fosse uma identidade, uma marca registrada que individualiza, mas, também por meio do discurso, o texto é uma dispersão do sujeito. Segundo Orlandi (2010, p.70), “[...] o sujeito se subjetiva de

maneiras diferentes ao longo de um texto”.

Ao mesmo tempo em que o texto apresenta a junção de vários discursos, ele é marcante ao que toca expressar a individualidade, principalmente quando o indivíduo fala de si mesmo. Quanto a esta capacidade de individualizar que encontramos nos textos, Orlandi comenta:

Os textos individualizam – um conjunto de relações significativas. Eles são assim unidades complexas, constituem um todo que resulta de uma articulação de natureza linguístico-histórica. Todo texto é heterogêneo: quanto à natureza dos diferentes materiais simbólicos (imagem, som, grafia, etc); quanto à natureza das linguagens (oral, escrita, científica, literária, narrativa, descrição etc); quanto às posições do sujeito. Além disso, podemos considerar essas diferenças em função das formações discursivas: em um texto não encontramos apenas uma formação discursiva, pois ele pode ser atravessado por várias formações discursivas que nele se organizam em função de um dominante. (ORLANDI, 2010, p.70).

Não se pode desprezar o significado daquilo que é escrito olhando apenas para as palavras como união de códigos, que exprimem uma finalidade clara direcionada pelo autor, convém dedicar um olhar mais aprofundado aos sentidos envolvidos no texto.

Assim, o sujeito registra em seu texto sua formação que é refletida no seu discurso, um pouco do que ele é e um pouco do que gostaria de ser, não esquecendo que nem sempre isso coincide com o que ele gostaria que os outros pensassem sobre ele.

Isso faz lembrar o que disse Ferreira (2010) sobre o ethos retórico:

O ethos retórico, então, pode ser entendido como um conjunto de traços de caráter que o orador mostra ao auditório para dar uma boa impressão. Incluem-se nesses traços as atitudes, os costumes, a moralidade, elementos que aparecem na disposição do orador. Não importa, pois, se o orador é ou não sincero: a eficácia do ethos é distinta dos atributos reais de quem assume o discurso. (FERREIRA, 2010, p.21).

Ao falar sobre a linguística da enunciação e a inscrição do locutor no discurso Ruth Amossy (2008) diz:

A construção espetacular da imagem dos interlocutores aparece igualmente na obra de Michel Pêcheux, para que A e B nas duas pontas da cadeia de comunicação, fazem uma imagem um do outro: O emissor A faz uma imagem de si mesmo e de seu interlocutor B; reciprocamente, o receptor B faz uma imagem do emissor A e de si mesmo. Retomando esse princípio, Kerbrat-Orecchion sugere incorporar “uma competência cultural dos dois parceiros da comunicação [...] a imagem que eles fazem de si mesmos, do outro e a que imaginam que o outro faz deles”. (AMOSSY, 2008 pp 10-11).

O uso da nomenclatura “ethos” motiva a pensar sobre o que Aristóteles falava sobre isso. Para ele há dois campos semânticos opostos ligados ao termo ethos: um de sentido moral, que engloba virtudes e o outro no sentido neutro que reúne termos como hábitos, modos e costume ou caráter. É importante ressaltar que

ambos os campos semânticos citados por Aristóteles podem ser encontrados na autoapresentação.

Uma observação de Dominique Maingueneau, remete ao fato de que o *ethos* não é dito explicitamente, mas *mostrado*:

O que o orador pretende ser, ele o dá a entender e mostra: não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir. O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real”, (apreendido) independente de seu desempenho oratório: é portanto o sujeito da enunciação uma vez que enuncia que está em jogo aqui. (MANGUENEAU, apud AMOSSY, 2008 p.31).

A autoapresentação é melhor estudada pragmaticamente e semanticamente do que simplesmente por meio da sintaxe que analisa a construção da palavra e não o discurso afetivo do interlocutor. Este que, por sua vez, possibilita uma compreensão de aspectos relevantes para construção de idéias entre o enunciador e o enunciatário do discurso.

Antes de adentrar mais concisamente na autoapresentação do Sr. Janúbio, deve-se considerar a autoridade residente na análise do discurso, que permite a interpretação de um enunciado. A interpretação

alcançada mediante a análise de discurso vai além da busca da verdade no texto, ela visa a encontrar mecanismos linguísticos que explicam tal interpretação. Sobre isso Orlandi (2010) comenta:

[...] o estudo do discurso distingue-se da Hermenêutica. [...] A análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação [...] Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2010, p.26).

Além da interpretação, a análise de discurso prima pela compreensão, que significa exatamente compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Ainda segundo Orlandi (2010, p. 26) “[...] A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem [...]” . Para a analista cabe a responsabilidade de desencadear questões (perguntas) para sua análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os próximos parágrafos se ocupam em descrever a

autoapresentação de Janúbio Luiz Pereira e sua respectiva análise à luz dos teóricos citados.

Meu nome é Janúbio Luiz Pereira. De onde este prenome Janúbio veio eu não sei explicar nem pedi explicações a meus pais para não deixá-los embaraçados. O certo é que busquei em todas as enciclopédias que caíram em minhas mãos, nas relações e significados de nomes próprios e o “tal” de Janúbio nem de longe ameaçava aparecer na ordem alfabética. A preocupação era tanta que busquei o significado numa charada novíssima:

Agora, tudo é despido na vida do homem
 Já nu bio

O lugar de nascimento não importa porque na verdade nós não podemos escolher e, depois que crescemos, qualquer lugar é bom, desde que nos adaptemos nos costumes locais e tenhamos comportamento pacífico. Agora, a data do nascimento que também independe de nossa vontade, quando dela tive conhecimento fui entender meus pesadelos terríficos. Não é pra menos. Observe a data: 1º de Dezembro de 1943.

Segundo alguns postulados científicos, o feto ouve e sente efeitos causados por sons exteriores. Imaginemos, portanto, um feto

Destacando-se o fragmento: “Meu nome é Janúbio Luiz Pereira. De onde este prenome Janúbio, veio, eu não sei explicar nem pedi explicações a meus pais para não deixá-los embaraçados. O certo é que busquei em todas as enciclopédias que caíram em minhas mãos, nas relações e significados de nomes próprios e o “tal” de Janúbio nem de longe ameaçava aparecer na ordem alfabética”, pode-se notar, de forma nada sutil, o desejo ardente da personagem por sua história, pelo entendimento de suas origens que

ouvindo continuamente som de granada, metralhadora, rifle, bomba nuclear e outros ruídos perturbadores, durante o período de 43 a 45. Paciência... haja pesadelos. Mas, apesar de tudo, enfrentei a vida como uma pessoa normal. Estudei, fiz três vestibulares, passei, e em duas faculdades estudei um pouco – Direito e Filosofia. O curso que conclui, psicologia aplicada à relações públicas e humanas somente foi reconhecido em 1982, quando eu já havia me apaixonado pela Amazônia e assumi meu diploma de técnico agrícola troquei a vontade de ser rico pela paixão profissional. Foi então, que ingressei na fileira das vítimas da escravocracia capitalista. Também não lamentei pelo fato de conhecer pessoas simples e sem ambição nas zonas rurais.

Hoje, com 69 anos, a caminho da aposentadoria, olho para trás e não me arrependo de nada, desde que alicerço minha alegria no fato de ter três filhos que nunca deram razão para a polícia bater na minha porta em busca de algum deles por motivo de transgressão à lei. Em outras palavras, eles me ajudam a ter a paz e a felicidade que muitos desejam, mesmo que eu seja um remanescente de guerra sem nunca ter participado de nenhuma.

talvez fossem capazes de explicar o seu modo de ser; preferências, reações diversas, dentre outras subjetividades – a busca pelo significado do nome que ao mesmo tempo que lhe tornara único também o fazia incompreensível.

Esta intriga pessoal com o seu próprio eu perdurou por longo tempo desde sua juventude, desde os tempos em que ainda morava com seus pais, talvez uma crise de identidade evidenciada na expressão tal quando se refere ao seu prenome, ou um forte desejo de se autodefinir na vida,

observado nitidamente neste trecho: “Meu nome é Janúbio Luiz Pereira. De onde este prenome Janúbio, veio, eu não sei explicar nem pedi explicações a meus pais para não deixá-los embaraçados.”

Em seguida observa-se que este desejo de auto descoberta perdurou por quase toda sua vida: “O certo é que busquei em todas as enciclopédias que caíram em minhas mãos, nas relações e significados de nomes próprios e o “ta” de Janúbio nem de longe ameaçava aparecer na ordem alfabética”.

A busca de sua identidade requereu um tempo consideravelmente longo, no entanto o anseio pela descoberta de si rendeu-lhe certo nível de erudição, que pode ser percebido pelo seu apreço pela leitura, pela obtenção de conhecimento quando diz que pesquisou intensamente em busca de respostas, evidenciando também o seu letramento.

O próximo trecho revela que depois de muito tempo tentou uma conformação, uma quietação que ocorreu talvez pela chegada do inverno marcando de branco os seus cabelos. Chama de charada a solução para seu dilema.

Para o dicionário on-line de português:

CHARADA é um enigma que consiste em compor uma palavra em tantas sílabas ou partes quantas possam ter uma significação determinada, dando-se a cada uma dessas partes a definição em termos mais ou menos vagos, e acrescentando uma alusão à significação da palavra inteira. (www.dicio.com.br/charada/).

De fato é inegável a habilidade com que ele desenvolveu a charada gerando um exemplo deste gênero:

“A preocupação era tanta que busquei o significado numa charada novíssima:

Agora, tudo é despido na vida do homem.”

Já nu bio

Ao se expressar assim aos seus 69 anos passa-nos a impressão de uma vida sem culpa, sem segredos. O que se discute aqui, não é o que é verdade em suas afirmações, mas é o que está sendo enunciado no texto, conforme nos lembra Mangueneau, apud, Amossy (2008, p.31): “O que o orador pretende ser, ele o dá a entender e mostra: não diz que é simples ou honesto, mostra-o por sua maneira de se exprimir”.

Observemos o próximo parágrafo:

O lugar de nascimento não importa porque na verdade nós não

podemos escolher e, depois que crescemos, qualquer lugar é bom, desde que nos adaptemos nos costumes locais e tenhamos comportamento pacífico.

Neste trecho de sua autoapresentação seu Janúbio faz declarações dignas de serem olhadas de perto. Ao dizer que o lugar de nascimento não importa porque na verdade nós não podemos escolher, ele faz uma afirmativa coerente, porém quando diz que depois que crescemos qualquer lugar é bom ele abre uma condição: “desde que nos adaptemos nos costumes locais e tenhamos comportamento pacífico”, ou seja, é verdade que não pôde escolher onde nascer, mas sente certa frustração por não ter podido permanecer em seu lugar de origem.

Uma coisa é não poder escolher onde nascer, outra bem diferente é com isso tentar justificar não permanecermos no lugar que amamos.

Tenta, ao unir um enunciado a outro, construir um raciocínio, para que o leitor do texto aceite e não perceba sua frustração de estar longe de sua cultura. Prega a imagem do resignado nordestino e faz uso do bordão: “Saudoso sim, arrependido não.”

Ilari (2010, p.124) explica o uso da negação, caracterizando-a: “Negamos toda vez que excluímos uma possibilidade”. Isto é, negamos quando não queremos dar a conhecer a outros nossas reais intenções ou pensamentos. Podemos afirmar que é possível o enunciador do texto ter dito: “Ah por que não fiquei por lá! Onde eu nasci é o melhor lugar, nos demais tive que me adaptar por questões de sobrevivência”.

Quanto a esta riqueza de informações nos conteúdos afetados pela negação, Ilari & Geraldi (2006, p.35) ressaltaram que: “os conteúdos afetados pela negação são exatamente os mesmos que apresentamos como dotados de maior impacto informativo.”

De fato, ao negar, depositamos um maior número de informações do que quando afirmamos, e ao dizer não, este não, quando acompanhado de orações explicativas, tendem a, de forma efetiva, trair a intenção afetiva.

Para Ferreira (2010 p. 30-31): “O contexto retórico é o conjunto de fatores temporais, históricos, culturais, sociais, etc., que exercem influência no ato de produção e de recepção dos discursos.”

É o conhecimento de vida que o sujeito tem e que o usa com fim de convencer, muitas vezes usa de verossimilhança, ou seja, usa fatos históricos para convencer como verdade uma fantasia. Este recurso discursivo é usado por seu Janúbio: Agora, a data do nascimento que também independe de nossa vontade, quando dela tive conhecimento fui entender meus pesadelos terrificantes. Não é pra menos. Observe a data: 1º de Dezembro de 1943.

Ele começa usando o agora, isso quer dizer, que a partir deste momento entraremos no contexto retórico, o agora passa a ser um prenúncio do que há de vir.

O enunciador passa a nos trazer de volta o fato de seu nascimento, como que tecendo uma rede com o objetivo de persuadir. Enfatiza a data de nascimento, apontando para um dos momentos mais terrificantes da história humana, a segunda guerra mundial, para justificar seus pesadelos.

Embora a grande segunda guerra receba o nome de guerra mundial, pelo fato de ter envolvido os países da maioria dos continentes, isto não quer dizer que o estado da Paraíba tenha sido um palco do

conflito. Contudo este contexto histórico é trazido ao texto com forte carga de convicção, como se pode observar nos parágrafos a seguir da autoapresentação:

Segundo alguns postulados científicos, o feto ouve e sente efeitos causados por sons exteriores. Imaginemos, portanto, um feto ouvindo continuamente som de granada, metralhadora, rifle, bomba nuclear e outros ruídos perturbadores, durante o período de 43 a 45. Paciência... haja pesadelos.

São usados junto com a história, alguns conhecimentos científicos adquiridos pelo enunciador ao longo de sua vida.

Quando isso acontece Orlandi (2010) nos diz que o autor está historicizando, e sobre este procedimento ela comenta:

As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significam nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados. (ORLANDI, 2010, p.32).

Segundo Orlandi, o sujeito do discurso usa a história e a língua para de forma inconsciente emitir o seu enunciado.

Pode-se dizer, com base nessa teoria, que em um dado momento de sua autoapresentação, Janúbio começa criar uma personagem. Ele passa a ser não o sujeito do discurso, mas o narrador do mesmo, pois inconscientemente faz uso de palavras para construir seu interdiscurso, isto é, todos os dizeres já ditos - e esquecidos - em uma estratificação de enunciados. Para Orlandi (2010, p.33), o interdiscurso está acompanhado do intradiscurso: “que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas.”

Sobre este fenômeno Amossy (2008), ao falar sobre a enunciação e ethos na semântica pragmática de Ducrot, afirma:

Ao designar por enunciação a aparição de um enunciado, e não o ato de alguém que o produz, Ducrot evita relacioná-lo preliminarmente a uma fonte localizada, a um sujeito falante. É o próprio enunciado que fornece as instruções sobre “o(s) autor(es) e eventual(ais) da enunciação”. Também é importante não confundir as instâncias internas do discurso, que são ficções discursivas, com o ser empírico que se situa fora da linguagem. A pragmático – semântica abandona o sujeito falante real para se interessar

pela instância discursiva. (AMOSSY, 2008, p.14).

Ao prosseguir narrando sua “Janubisséia”, o narrador dá a impressão de um retorno à narrativa de sua vida real (o sujeito falante real), no entanto, permanece apenas na impressão, pois ao descrever fatos supostamente verdadeiros começa pela expressão: *Mas, apesar de tudo*. Apesar de tudo o quê? Apesar dos fatos fictícios, ou seja, tudo virá contagiado pela ficção, imaginação, portanto não podem ser encarados como verídicos. Vejamos:

Mas, apesar de tudo, enfrentei a vida como uma pessoa normal. Estudei, fiz três vestibulares, passei, e em duas faculdades estudei um pouco – Direito e Filosofia. O curso que conclui, psicologia aplicada a relações públicas e humanas somente foi reconhecido em 1982, quando eu já havia me apaixonado pela Amazônia e assumi meu diploma de técnico agrícola, troquei a vontade de ser rico pela paixão profissional. Foi então, que ingressei na fileira das vítimas da escravocracia capitalista. Também não lamentei pelo fato de conhecer pessoas simples e sem ambição nas zonas rurais.

A vida aqui apresentada não pode ser creditada como a de Janúbio, porém, por relatar fatos aparentemente reais de sua existência, por meio do seu inconsciente, e fatos imaginativos, pode-se dizer que a vida aqui apresentada é do Sr. “Janubisseu”, (numa alusão ao relato que descreveu a vida do homem grego representado

por Odisseu de Ítaca, personagem principal de a Odisséia de Homero, homem de honra e caráter inabalável que enfrentava o imaginário grego criando assim o perfil do homem ideal).

Sobre as ilusões do sujeito do discurso Orlandi (2010) comenta:

As ilusões não são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos “esquecem” que já foi dito – e este não é um esquecimento voluntário – para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (Orlandi, 2010, p.36).

É fato que o narrador foi no mínimo um grande leitor, pois as construções narrativas de sua autoapresentação são ricas e bem elaboradas, conforme os cânones de prestígio, podendo-se dizer que desde o princípio envolve o leitor numa cadeia de erudição. Isso também é demonstrado no parágrafo que está sendo analisado.

Estudei, fiz três vestibulares, passei, e em duas faculdades estudei um pouco – Direito e Filosofia. O curso que concluí, psicologia aplicada à relações públicas e humanas somente foi reconhecido em 1982,

quando eu já havia me apaixonado pela Amazônia e assumi meu diploma de técnico agrícola[...].

Na autoapresentação de Janúbio há um rico número de implícitos que geram inúmeras possibilidades de interpretações. Uma oração, uma frase ou uma simples palavra pode fornecer informações importantíssimas para que se chegue à interpretação final de uma dada mensagem. Levando em conta essa característica – os implícitos – do discurso podemos isolar algumas passagens que representam o mesmo campo semântico com o fim de entendermos o todo.

Sobre esse aspecto vejamos o que comentou Ilari (2010):

As mensagens linguísticas comportam às vezes implícitos que não podem ser previstos com base apenas em sentido literal. Importantíssimos para a interpretação final da mensagem, esses implícitos só podem ser descobertos por um trabalho de conjectura feito a partir de uma avaliação global da situação comunicativa, em que o ouvinte procura recuperar as intenções do falante. Mensagens que comportam esse tipo de implícito são sempre interpretadas como “indiretas” e obrigam, tipicamente, o ouvinte a perguntar: “O que foi que ele quis me dizer com isso?”, “Aonde ele quis chegar?” etc. (ILARI, 2010, p.92).

Com isso em mente foram isolados alguns trechos dos parágrafos

já analisados dentro do mesmo campo semântico e comparados com o último parágrafo no qual seu Janúbio conclui sua autoapresentação. Isso possibilitou uma correlação dos sentidos oriundos do texto. Conforme os fragmentos a seguir:

[...] “e o ‘tal’ de Janúbio nem de longe ameaçava aparecer na ordem alfabética.” (§1) “O lugar de nascimento não importa [...] desde que nos adaptemos nos costumes locais e tenhamos comportamento pacífico.” (§2) “[...]quando eu já havia me apaixonado pela Amazônia e assumi meu diploma de técnico agrícola troquei a vontade de ser rico pela paixão profissional. Foi então, que ingressei na fileira das vítimas da escravocracia capitalista. Também não lamentei pelo fato de conhecer pessoas simples e sem ambição nas zonas rurais.” (§3)

Em ambos os fragmentos reside certa resignação (conformidade, sujeição paciente às desventuras da vida) ora pelo nome, ora pelo lugar em que vive, ora pela profissão. De fato, pode-se perceber a notável conformidade com o que a vida lhe ofereceu, abrindo mão de conflitos e de sonhos descobriu a felicidade nas coisas simples, se intelectualizou para explicar sua própria saga.

No último parágrafo de sua autoapresentação Janúbio Luiz Pereira dirime qualquer dúvida que possa haver desta conclusão:

Hoje, com 69 anos, a caminho da aposentadoria, olho para trás e não me arrependo de nada, desde que alicerço minha alegria no fato de ter

três filhos que nunca deram razão para a polícia bater na minha porta em busca de algum deles por motivo de transgressão à lei. Em outras palavras, eles me ajudam a ter a paz e a felicidade que muitos desejam, mesmo que eu seja um remanescente de guerra sem nunca ter participado de nenhuma.

Concluimos, portanto, com uma citação feita por Ferreira (2010):

Para o discurso retórico, não basta que o orador se prepare. O auditório é o foco central e isso nos remete ao pathos, pois não há comunicação sem comunhão sem identificação, sem que sejam suscitadas as paixões e sentimentos do público. Assim, é comum que, no exórdio, o orador já procure estabelecer contato por meio da exortação do reconhecimento, do receio, da piedade, da frustração, do descaso, da briga, explícita contra um adversário declarado, da condição social, da moral, das dificuldades partilhadas, do orgulho, das realizações positivas ou negativas, das vilanias sociais, do justo e do injusto, do belo e do feio, enfim, de uma série de artifícios discursivos iniciais que conduzam a alegria, tristeza, saudade, amor, ódio, ira, cólera, amizade, ciúme... Enfim, às paixões do auditório. (FERREIRA, 2010, p.112).

Decerto todos esses aspectos também são percebidos no texto escrito, de uma simples, porém, rica autoapresentação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com segurança pode-se afirmar que a personagem do texto analisado nunca participou de uma guerra entre nações, no entanto, como muitos, senão a maioria da humanidade, ele tem travado as lutas da vida humana.

Essa análise feita sobre a autoapresentação do seu Janúbio não é fechada, isto é, reconhecemos que há outras possibilidades de interpretações em outros campos linguísticos, na psicologia dentre outras ciências. Contudo este trabalho se propôs mostrar a riqueza contida na

autoapresentação, capaz de expor, e porque não purgar, historicizar, a vida do sujeito que se apresenta em poucas linhas com o objetivo claro de emocionar, por meio de suas paixões, seu receptor.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no Discurso*. São Paulo: Contexto 2008.
FERREIRA, Luiz Antônio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: contexto, 2010.

ILARI, Rodolfo, 1943-Semântica. 11.ed. - São Paulo: Ática, 2006.
_____. *Introdução à semântica – brincando com a gramática*. 7. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

<http://www.dicio.com.br/charada/>. Acessado em 02 de Agosto de 2013, às 13hs

Recebido em: 07-03-2014

Aprovado em: 22-08-2014